

Diversidade Linguística na Escola Portuguesa

Projecto *Diversidade Linguística na Escola Portuguesa*
(ILTEC)

Breve caracterização fonética de sons que apresentam problemas na pronúncia de alunos estrangeiros

1. Nota prévia

Quando se aprende uma língua estrangeira existem muitas vezes dificuldades de pronúncia que não raro se manifestam através de erros ortográficos. Se essas dificuldades incidem regularmente sobre os mesmos sons, isso pode dever-se ao facto de o sistema fonológico da língua materna do aluno ser diferente do da língua que está a aprender. Normalmente, se se trata da aquisição de língua não materna, ao fim de algum tempo o aluno adquire uma boa pronúncia dos sons que integram o sistema fonológico da nova língua. Todavia, se o professor conhecer as características articulatórias dos sons que apresentam problemas, pode servir-se desses conhecimentos para melhor compreender os motivos que levam às dificuldades sentidas e, mesmo, explicar aos alunos algumas propriedades articulatórias que lhes permitam treinar a correcta articulação. Este é o objectivo das breves explicações fonéticas que clarificam a análise e classificação dos erros encontrados no *corpus*, interpretados como podendo ter origem nos sistemas fonológicos das línguas maternas dos alunos.

2. Consoantes líquidas /l/ e /r/

a. Oposição laterais / vibrantes – [l] / [r]

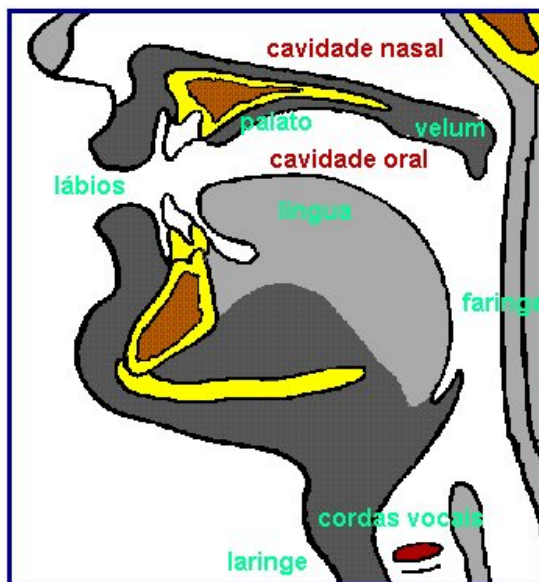
Pode dizer-se que as “verdadeiras” consoantes são sempre pronunciadas com interrupção ou constrição da passagem do ar através da boca (consoantes **oclusivas** e **fricativas**), enquanto as consoantes **líquidas** - /l/ *lateral* e /r/ *vibrante*¹ – estão mais próximo das vogais porque a sua articulação não impede nem constrixe a passagem do ar. Certos sistemas fonológicos não possuem o /l/ e o /r/ como o Português. Está neste caso o sistema do Mandarim que apenas tem o /l/. Este é o motivo por que, na escrita dos alunos chineses, as letras <l> e <r> que representam as líquidas são muitas vezes confundidas.

O termo “líquidas” refere-se ao **modo de articulação** das consoantes pelo facto de ambas terem alguma relação com as vogais, embora o facto de se denominarem lateral e vibrante mostre que existem diferenças nesse modo de articulação. Quanto ao **ponto de articulação**, há muitas semelhanças dado que ambas se pronunciam com a *ponta* da língua tocando os *alvéolos* dos dentes

¹ A representação dos sons faz-se entre // se são fonológicos e entre [] se forem fonéticos (isto é, se corresponderem à pronúncia). A representação das letras faz-se entre <>.

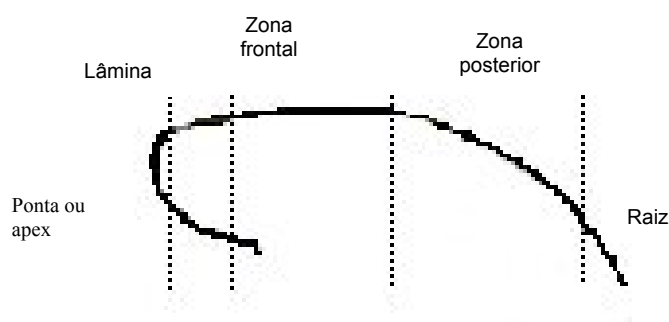
(ou seja, a zona em que os dentes estão implantados). Veja-se a figura 1. que apresenta o tracto vocal e a figura 2. que mostra os vários pontos da língua que servem na articulação dos sons da fala.

Fig. 1. Cavidades nasal, oral e faríngea



Fonte: *Fonética e Fonologia do Português*. Lisboa: Universidade Aberta, p. 67

Fig. 2. Dorso da língua

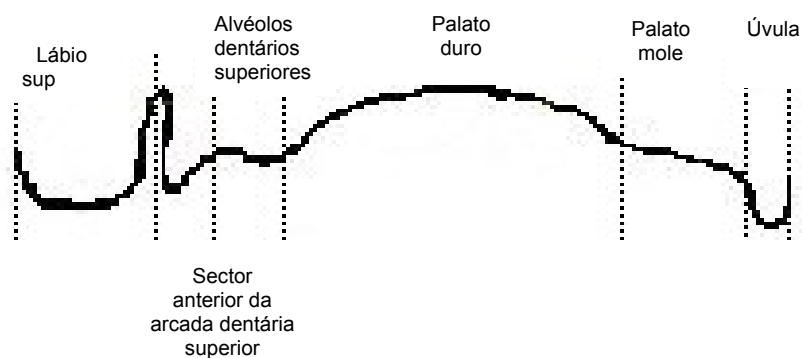


Fonte: *Fonética e Fonologia do Português*. Lisboa: Universidade Aberta, p. 72

A articulação do [l] e do [r] faz-se em dois pontos da boca muito próximos. Na pronúncia do [l] o *apex*, ou ponta, da língua toca os alvéolos e por isso se chama *alveolar*. Na pronúncia do [r] a

lâmina, ou coroa, da língua também toca levemente nos alvéolos. Quanto à passagem do ar também há diferença entre ambas, ainda que se faça livremente em qualquer das duas: ao pronunciar o [l], o *dorso* da língua eleva-se no meio e os lados baixam deixando sair o ar (por isso é uma consoante lateral). Na articulação do [r], o contacto da língua é rápido e o dorso não levanta. As duas consoantes têm, portanto, pronúncia muito próxima o que explica as numerosas confusões que se observam na escrita dos alunos chineses que só possuem o /l/ no seu sistema fonológico. Veja-se a figura 3. para melhor noção dos pontos da boca em que a língua toca, quando se pronunciam estas duas consoantes.

Fig. 3. Pontos articulatórios de contacto na zona superior do tracto oral



Fonte: *Fonética e Fonologia do Português*. Lisboa: Universidade Aberta, p. 71

b. A lateral velarizada [ɫ] e a semivogal [w]

Quando a lateral /l/ se encontra em fim de sílaba pode *velarizar*, como acontece em Português Europeu (ex. pape[ɫ]), ou *semivocalizar*, como acontece no Português do Brasil (ex. pape[w]). A pronúncia velarizada do [ɫ] implica que a ponta da língua toque nos alvéolos e a zona posterior se eleve na direcção do *velum* – que também se pode chamar *véu palatino* ou *palato mole* (cf. as figuras 1. e 2.). A pronúncia deste [ɫ] está muito próxima da pronúncia da semivogal [w], bastando, para passar de um som a outro, que a parte dianteira da língua não se eleve nem toque nos alvéolos, mantendo-se a parte posterior elevada na direcção do véu palatino. O facto de os alunos chineses representarem graficamente esta consoante lateral com uma vogal mostra a dificuldade em discriminar a diferença dada a proximidade da pronúncia entre [ɫ] e [w] em final de sílaba.

3. As vibrantes [r] / [R]

Em Português podemos distinguir duas palavras opondo as duas vibrantes [r]/[R] que se representam na escrita como <r>/<rr> (ex. caro/carro). O Ucrainiano, o Crioulo de Cabo Verde, o Guzerate e o Mandarim não possuem essa oposição distintiva. Em consequência, as representações gráficas <r> e <rr> ocorrem confundidas, embora se verifique uma tendência para substituir <rr> por <r>, ou seja, para simplificar a escrita da vibrante. Ao som que se representa na escrita por <rr> corresponde, em grande parte dos dialectos do Português actual, incluindo o de Lisboa, a consoante [R], que se pronuncia com uma fricção da parte posterior da língua junto do *velum*, e, em alguns dialectos do Norte, o “*r múltiplo*” cuja pronúncia envolve vários batimentos da ponta da língua junto dos alvéolos. Ao som que se representa na escrita por <r> no meio da palavra corresponde a consoante [r], que se pronuncia com um batimento único da lâmina da língua junto dos alvéolos. Apesar de a vibrante que se representa com <rr> ter as duas pronúncias acima referidas, ela é muitas vezes confundida com a vibrante simples, representada por <r>.

4. Oposição consoantes surdas / consoantes sonoras

As consoantes que apresentam bloqueios ou constricções à passagem livre do ar através da boca são as **oclusivas** – que têm uma obstrução à passagem do ar causada pelos articuladores (lábios ou língua) – e as **fricativas** – cuja pronúncia mostra uma constricção ou fricção também causada pelos articuladores. Tanto o bloqueio como a constricção ocorrem no ponto de articulação das consoantes que, por isso, se denominam bilabiais, dentais, palatais ou velares conforme os articuladores que entram na sua pronúncia e conforme o ponto em que toca a língua.

Em Português, são oclusivas as consoantes /p, t, k, b, d, g/ e fricativas as consoantes /f, v, s, z, ʃ, ʒ/. Tanto as oclusivas como as fricativas podem ser pronunciadas sem vibração das **cordas vocais** (ver figura 4.a.) ou com vibração (ver figura 4.b.). Se as cordas vocais se mantiverem tensas, sem vibração, as consoantes são surdas (/p, t, k, f, s, ʃ/). Se vibrarem, são sonoras (/b, d, g, v, z, ʒ/).

A oposição surda / sonora em consoantes oclusivas e fricativas é distintiva em Português, isto é, contribui para alterar o significado como se pode ver pelos pares de palavras *pato* / *bato*, *tom* / *dom*, *cacto* / *gato*, *faca* / *vaca*, *selo* / *zelo*, *chá* / *já*. Mas esta oposição não existe em todas as línguas. No que respeita às línguas analisadas, o Guzerate possui todos os pares de oclusivas (p/b, t/d e k/g) mas nenhuma oposição nas fricativas e o Mandarim só possui oclusivas e fricativas surdas. Em consequência ocorrem muitos erros nas representações escritas dos alunos indianos e chineses: *estúpido* **estupito*, *garfo* **carfo*, *vou* **fou*.

A vibração das cordas vocais não pode observar-se directamente como se observa o ponto de articulação ou mesmo o modo de articulação, visto que esses músculos se encontram na **glote**, orifício localizado na **laringe**. Mesmo assim, é possível sentir, pondo um dedo junto da “maçã de Adão”, uma certa vibração interna quando se pretende pronunciar uma consoante sonora, o que não acontece se o esforço for feito para pronunciar uma surda. Veja-se as figuras 4.a. e 4.b. que representam as cordas vocais sem vibração (4.a.) e com vibração (4.b.).

Fig. 4.a. Cordas vocais sem vibração



Fig. 4.b. Cordas vocais com vibração



Fonte: *Fonética e Fonologia do Português*. Lisboa: Universidade Aberta, p. 69

5. A nasalidade vs. a oralidade

Vogais e consoantes podem ser produzidas com passagem do ar pela cavidade nasal o que lhes atribui o traço de nasalidade. Essa passagem do ar faz-se quando a **úvula** desce e deixa aberto um canal que permite que o ar penetre na **cavidade nasal**. As consoantes nasais são consoantes oclusivas em que a passagem do ar sofre uma interrupção na cavidade bucal (p.ex., o /m/ obriga ao fechamento dos lábios) mas sai pela cavidade nasal por abaixamento do véu palatino, “arrastado” pelo movimento da úvula (veja-se novamente a figura 1). Nem todos os sistemas fonológicos possuem sons nasais e menos ainda os ditongos nasais que existem em Português. As línguas estrangeiras nas variedades analisadas não possuem os ditongos nasais [ɐ;̃w;̃] e [ɐ;̃j] característicos do Português. Por esse motivo encontram-se na escrita confusões gráficas sobretudo nos dados dos alunos ucranianos cujo sistema fonológico não tem também vogais simples nasais.

Bibliografia:

DELGADO-MARTINS, Maria Raquel (1988) *Ouvir falar: Introdução à Fonética do Português*. Lisboa: Caminho. (Capítulos 8 e 9)

MATEUS, Maria Helena Mira, FALÉ, Isabel e FREITAS, Maria João (2005) *Fonética e Fonologia do Português*. Lisboa: Universidade Aberta: 45-91

XAVIER, Maria Francisca e MATEUS, Maria Helena (1990 e 1992). *Dicionário de Termos Linguísticos*. Associação Portuguesa de Linguística e Instituto de Linguística Teórica e Computacional. Lisboa: Edições Cosmos (Volume 1). <http://www.ait.pt/index2.htm>

Ficha Técnica

- Maria Helena Mira Mateus